

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
27 e 29 de Setembro de 2021
O CINEMA DE VICHY: A FRANÇA OCUPADA (1940-44)

RÉSISTANCE / 1944

Realizador: Jean Teisseire (Jean Everard, segundo outras fontes / *Colaboração técnica:* Paul Boisserrand / *Argumento, imagem (35 mm, preto & branco), montagem, música, narração e interpretação:* não identificados.

Produção: J. T. Busdac, por encomenda do Propaganda Abteilung / *Cópia:* dos Archives Nationales du Film (Bois d'Arcy), 35 mm, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 15 minutos / *Estreia mundial:* 14 de Janeiro de 1944 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 3 de Outubro de 2009, no âmbito da rubrica "História Permanente do Cinema".

RÉSISTANCE é apresentado com **VOYAGE SANS ESPOIR**, de Christian-Jaque ("folha" distribuída em separado).

Résistance foi feito quando a Alemanha e os seus aliados já estavam na defensiva, embora ainda dispusessem de uma enorme capacidade bélica. No que refere a situação em França, basta lembrar que depois do desembarque dos aliados na Normandia a 6 de Junho de 1944 foram necessários nada menos de dois meses e meio para transpor os cerca de duzentos e cinquenta quilómetros que separam o litoral normando de Paris, que só foi libertada a 25 de Agosto (a guerra ainda duraria mais oito meses na Europa). Em Janeiro de 1943, devido à ação das forças de resistência armada em França, o regime de Vichy cria, por injunção alemã, a Milice Française, organização paramilitar destinada a colaborar com a Gestapo na repressão aos movimentos de resistência e na perseguição aos judeus. Em Maio daquele ano, sete meses depois da libertação do Magrebe pelas forças americanas, o General de Gaulle instalou-se em Argel, e no final daquele ano foi feita a fusão entre as forças de resistência gaullistas e comunistas, com a sigla FFI (Forces Françaises de l'Intérieur). Por conseguinte, fazia sentido, do ponto de vista do regime de Vichy, fazer um filme de propaganda contra as forças de resistência, como complemento à propaganda já existente na imprensa escrita, na rádio e nos discursos dos membros do regime. O resultado foi o filme que vamos ver, apresentado nas salas de cinema francesas em Janeiro de 1944.

Este resultado é bastante tosco (seria interessante cotejar filmes de propaganda alemães e os seus congéneres franceses) e o filme deve ter sido feito à pressa depois da fusão das forças de resistência. De modo significativo, o título é seguido por um vasto ponto de interrogação, de modo a pôr em causa a ideia de que aqueles movimentos fizessem *resistência*, para perguntar de modo explícito: resistência a quê? Quase trinta anos depois, um ex-SS longamente entrevistado em **Le Chagrin et la Pitié**, faz exatamente a mesma análise: *"Por exemplo, um grupo de soldados alemães passava diante de camponeses que cavavam. De repente, os camponeses largavam as enxadas, empunhavam armas e matavam os nossos soldados. O senhor chama a isto «guerra de resistência»? Eu chamo «assassinato». Diante destes factos, era normal que as nossas forças tomassem medidas de represália".*

Totalmente encenado e apresentado como *"baseado em documentos da polícia francesa"*, **Résistance** não deixa de ter analogias com a técnica de propaganda de **A Revolução de Maio**: dois jovens que vão pelo mau caminho da Resistência percebem onde se meteram e voltam para o seio das suas famílias e o regaço de Philippe Pétain.

Os chefes do grupo de resistentes agem com a brutalidade dos chefes de uma quadrilha de delinquentes. As vítimas da sabotagem de um comboio, ação emblemática da Resistência que seria exaltada em 1946 em **La Bataille du Rail**, de René Clément, são todas civis, o que é uma deformação da realidade, pois os ferroviários atacavam comboios de mercadorias e de transporte de tropas. A extrema brevidade do filme torna a demonstração ainda mais primária, pois não há tempo de construir nenhuma narração, só de colocar as etapas fundamentais. Os dois rapazes aderem à Resistência porque não querem trabalhar: um não quer trabalhar na oficina do pai e o outro, pior ainda, não quer cumprir o trabalho obrigatório na Alemanha. Note-se que embora a palavra *comunista* nunca seja pronunciada, o grupo de resistentes a que os dois rapazes aderem era comunista, como se pode ver pelos vivas a Maurice Thorez e aos soviéticos rabiscados nas paredes do celeiro que serve de dormitório (os métodos de bandidos dos chefes talvez também sejam sinais de que são comunistas). É como se em 1944, o ano da libertação da França, a propaganda de Vichy quisesse limitar a Resistência armada aos comunistas, inimigos totais, ignorando a existência da Resistência não comunista, quem sabe na esperança secreta de algum arranjo com a resistência não comunista. A mensagem final é: denunciem aquilo que vêem ou seja, denunciem os membros dos grupos de resistência.

Antonio Rodrigues